

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

O QUE É QUE O PAI NÃO TE CONTOU DA GUERRA?

© SUSANA NEVES

13-15 OUT 2016



TEATRO

13-15 out
O QUE É QUE
O PAI NÃO
TE CONTOU
DA GUERRA?

ENCENAÇÃO
ROGÉRIO DE CARVALHO

CRIAÇÃO
AMARELO SILVESTRE

quinta a sábado, 21h

Sala Mário Viegas; m/14

€12 (com descontos €5-€8,40)

Duração (aprox.): 50 min.

Conversa com a equipa artística: sábado,
15 outubro, após o espetáculo

Encenação: Rogério de Carvalho; Texto: Fernando Giestas; Interpretação: Nuno Nunes, Rafaela Santos, Sónia Barbosa; Cocriação em processo de residência: Paulo Pinto, Rafaela Santos, Sónia Barbosa; Espaço cénico: Henrique Ralheta; Desenho de luz: Jorge Ribeiro; Desenho de som e música original: Ana Bento, Bruno Pinto; Produção executiva: Paula Trepado; Consultoria gestão cultural: Marta Catana; Criação: Amarelo Silvestre

Coprodução: Amarelo Silvestre e Teatro Nacional São João

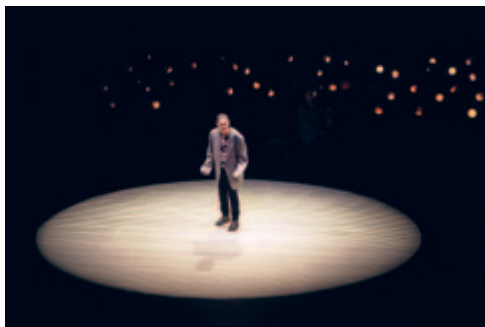
Apoio: As Casas do Visconde, Câmara Municipal de Nelas

Acolhimento das residências artísticas: Teatro Viriato - Viseu, Teatro Virgínia - Torres Novas, ZDB/Negócio - Lisboa, As Casas do Visconde - Canas de Senhorim

Residências Artísticas co-financiadas pela Direção-Geral das Artes (Apoio Pontual 2014)

Agradecimentos: Ana Seia de Matos, Carla e Sara Augusto, César Gomes, Cláudia Cesário, Cristina Ferrão, Isabel Costa, João Luís Oliva, Jorge Palinhos, José Rui Martins, Júlia Alves, Leónia Nunes, Luís Costa, Paula Fong, Ricardo Bordalo, Susana Borges, Teatro Meia Via, Teatro Viriato, Paulo Pinto, Pai.

O Que é Que o Pai Não te Contou da Guerra estreou no TeCA/ Teatro Nacional São João, a 20 março 2015



© SUSANA NEVES

Carta para um espectáculo

Fernando Giestas

Este espectáculo não é autobiográfico. O filho que está em palco não sou eu e o pai que (não) está em palco não é o meu pai. Este espectáculo não é autobiográfico, mas eu sou eu, eu sou deste tempo, eu sou filho, eu tenho pai, eu tenho um pai que esteve na guerra, e, o que eu fiz para este espectáculo, o que fizemos todos juntos, foi reflectir sobre essas questões, em palco: o que é ser filho de um pai? O que é ser filho de um pai que esteve na guerra? Para este espectáculo, eu falei com cerca de 20 filhos de antigos combatentes, para me documentar sobre o silêncio que percorre a relação filho-pai em redor do tema da guerra. O traço mais comum a todas estas pessoas, neste contexto, é a "normalidade" com que a guerra é vivida lá em casa. Nenhum dos pais destes filhos vive, felizmente, com traumas desse tempo da guerra. Ou, pelo menos, com traumas explícitos. E, na relação, filho-pai o que fica, o que mais fica, é esse silêncio, motivado pelo que não se conta e pelo que não se pergunta. Com esta matéria recolhida, o que fizemos foi tentar pôr em palco o interior da cabeça do filho. A cabeça de todos os filhos de todos os pais que estiveram numa qualquer guerra. Daí que este espectáculo seja como as nossas cabeças: Uma guerra... perdão... Uma paisagem interior.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

A propósito do texto que vasculha o interior

A dezassete dias da estreia de o que é que o pai não te contou da guerra?, Fernando Giestas, autor do texto, de um lado da mesa, e Rogério de Carvalho, encenador do texto, do outro. Uma conversa realizada a 3 de março de 2015, numa terça-feira que ainda não era de primavera, no escritório da Amarelo Silvestre n' As Casas do Visconde, Canas de Senhorim.

Fernando Giestas (FG): O Rogério fala muito dos espetáculos anteriores, como percurso criativo para chegar ao espetáculo que está a encenar. Qual foi o percurso que o fez chegar a esta encenação?

Rogério de Carvalho (RC): Os "espetáculos anteriores" são uma fonte onde vou buscar muito do que posso fazer agora. A "coisa" não nasce hoje, depende dos espetáculos que vou fazendo e isso é o meu modo de me pôr a caminho. Os espetáculos, como criação, passam por muito fermento de outros espetáculos. Depende dos autores que vou encenando. Caminho do conhecido para o desconhecido. Por exemplo, o espetáculo anterior [*a o que é que o pai não te contou da guerra?*], Music-Hall, de Lagarce [*pel' As Boas Reparigas...*], foi o ponto de partida para este espetáculo. Ambos partem do texto. Em Lagarce, a guerra é o próprio teatro em situação. Ambos vasculham o interior das personagens.

(FG): Eu não venho do teatro, venho do jornalismo, e antes de escrever para teatro faço sempre a mesma pergunta a mim próprio: "O que é teatro?" esta é uma das minhas grandes angústias. Para conseguir escrever, tenho que avançar sem a preocupação de estar a escrever para teatro.

(RC): O texto é um dos elementos que tomo como ponto de partida. O texto

interessa-me. O texto esconde o que não está lá, mas está. É um enigma. E quando começamos a escavar, talvez a pergunta "o que é teatro?" comece a tomar forma.

(FG): Outra das minhas questões é a relação entre textos e atores. O que faço com o texto na mão e os atores à minha frente.

(RC): No seu texto há diálogos, mas diferentes. Há vozes. O que interessa é que o ator diga. O ator em si. E o ator, ao dizer, não pode fazer trapaças, não pode fingir, não pode representar, mas é uma representação. Ao acreditarmos, sentimos a participação do ator. Ele pensa, ele diz, a voz é dele. Os atores fazem coisas não a fingir. É a voz. A voz atirada, não o nosso quotidiano, mas a forma do dramático. A voz que é expelida, a voz que nos obriga a escutar. Forma de representar. Entoação que nos impregna de... há um mistério no teatro: os ausentes. Os atores têm de desenterrá-los. Para além da voz que está no texto, ainda há uma outra. Talvez um sinal. Tudo está nas mãos do ator. O segredo do ator. Procuramos o ator em si. O ator faz a passagem do escrito à oralidade.

(FG): Outra das minhas dificuldades é a relação entre texto e atores. O que é que eu faço com o texto na mão e os atores à minha frente? Se dou indicações estou a condicionar o trabalho criativo, se não dou indicações estou a condicionar o trabalho criativo...

(RC): O ator é um criador. Posso conversar com ele. Por vezes nasce um diálogo criativo e estimulante. Mas o ator, no sentido criador, pode prescindir deste tipo de diálogo. A minha maior preocupação é fazer-lhe sentir que estou ali para o resguardar do posicionamento que ele vai adquirir mais tarde, no espetáculo. Quais são os problemas pelos quais os atores passam? Há uma orientação de ambas as partes. Vou trabalhando fragmento a fragmento, de detalhe em detalhe.

(FG): Uma indicação minha aos atores foi a de lerem as frases como se elas não se bastassem a si próprias: falta-lhes o ator. Uma das minhas respostas à pergunta "o que é teatro?" é essa escrita rarefeita, o esqueleto da voz do ator.

(RC): O teatro é o mundo da ausência, como num poema. Pela evocação do ator, os que estão ausentes presentificam-se. É uma atividade que é confirmada pela ausência. Os que faltam, os que não comparecem. Muitas vezes, estamos a falar de um acontecimento e o acontecimento não está lá, está ausente.

(FG): Esta foi a primeira vez em que um texto meu, ainda em fase de construção, foi submetido a tanto escrutínio, sobretudo em residências artísticas prévias aos ensaios: quer da equipa artística, quer do público em diferentes leituras. O texto foi sendo escrito, não em reposta imediata às críticas desses momentos, mas em resposta diferida. Apesar de custoso para mim, foi um processo muito proveitoso para o texto. Foi uma espécie de torção da palavra.

(RC): Energia e trabalho. A insistência. Todos os dias o texto na bigorna.

(FG): Há dias, falava-me de "ruínas" como uma palavra essencial a ter em consideração neste espetáculo.

(RC): Ruínas são restos de um mundo que foi destruído. Quando as ruínas se enquadram no inconsciente coletivo, no inconsciente de um povo, torna-se necessário procurar as origens. É como um elemento perturbador no nosso inconsciente. Há necessidade de fazer regressões, procurar as origens dessas catástrofes, ruínas, nomeadamente as que são provocadas pela guerra. Viagem em busca da origem, viagem das mentes coletivas a atravessarem os acontecimentos que determinaram essas ruínas. O filho e o pai. Uma viagem para as origens. Viagem para a realização do luto. A regressão do filho em busca da situação do pai que esteve na guerra colonial. Da minha parte, torna-se-me difícil figurar o real dessa guerra. Essa figuração que não consigo é substituída por uma celebração. De um lado, o mundo dos mortos (o mundo invisível, espiritual, ausente), do outro, o mundo dos vivos. Os mortos vão aparecendo. Evocação. Mesmo o próprio pai já está morto. O mundo dos vivos, qual é? É a voz que o representa. No meio dessa engrenagem, o contexto de uma guerra. A guerra está lá. Sinais. E cada espectador desenvolve esses sinais. O que interessa é que os sinais cheguem...

NO SÃO LUIZ POSSO...

Comprar um bilhete suspenso Começa por ser uma forma de oferecer a quem não se conhece a oportunidade de assistir a um espetáculo no Teatro São Luiz. O bilhete custa 7 euros sendo o restante valor suportado pelo Teatro e fica suspenso na bilheteira para usufruto de pessoas apoiadas pelas entidades às quais o São Luiz se associa: Associação Coração Amarelo, Associação Gulliver, Lar Jorbalán, Fundação Luís António de Oliveira, Casa de Abrigo da APAV ou CMPL – Centro Hospital Psiquiátrico de Lisboa.

São Luiz Teatro Municipal – Direção Artística Aida Tavares **Direção executiva** Joaquim René **Programação Mais Novos** Susana Duarte **Adjunta direção executiva** Margarida Pacheco **Secretária de direção** Olga Santos **Direção de produção** Tiza Gonçalves (Diretora), Susana Duarte (Adjunta), Andreia Luís, Margarida Sousa Dias **Direção técnica** Hernâni Saúde (Diretor), João Nunes (Adjunto) **Iluminação** Carlos Tiago, Ricardo Campos, Sara Garrinhas, Sérgio Joaquim **Maquinistas** António Palma, Cláudio Ramos, Paulo Mira, Vasco Ferreira **Som** João Caldeira, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Responsável de manutenção e segurança** Ricardo Joaquim **Secretariado técnico** Sónia Rosa **Direção de cena** José Calixto, Maria Távora, Marta Pedroso, Ana Cristina Lucas (Assistente) **Direção de comunicação** Ana Pereira (Diretora), Elsa Barão, Nuno Santos **Relação com os públicos** Inês Almeida **Design gráfico** SilvaDesigners **Registo e edição vídeo** Tiago Fernandes **Bilheteira** Ana Ferreira, Cristina Santos, Soraia Amarelinho **Frente de casa** Letras & Partituras **Coordenação** Ana Luísa Andrade, Teresa Magalhães, Cristiano Varela **Assistentes de sala** Ana Catarina Bento, Ana Sofia Martins, Catarina Ribeiro, Carolina Serrão, Daniela Magalhães, João Cunha, João Pedro, Manuela Andrade, Raquel Pratas, Sara Fernandes, Gonçalo Cruz **Segurança** Securitas **Limpeza** Astrolimpia